

## A emergência de domínio funcional e a abordagem construcional da gramática: o caso do *que nem* no Português Brasileiro

### The emergency of the functional domain and the construction grammar approach: the case of “*que nem*” in Brazilian Portuguese

Caio Aguiar Vieira\*

[caioaguiar78@gmail.com](mailto:caioaguiar78@gmail.com)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Valéria Viana Sousa\*\*

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

---

**RESUMO:** Partindo da concepção de língua adotada pela Gramática de Construções (CROFT, 2001) e da perspectiva construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TEIXEIRA; ROSÁRIO, 2016), objetivamos, neste estudo, analisar o deslizamento de domínio funcional do *que nem* na Língua Portuguesa. Para tanto, ancoramo-nos nos estudos de Vieira e Sousa (2019), que se debruçaram na investigação do *que nem* como conector e na análise construcional empreendida por Sambrana (2017) a respeito dos Marcadores Discursivos (MDs). Como recurso metodológico, utilizamos os dados de fala dos *Corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista, além de empregarmos o método qualitativo para a análise dos dados. Os resultados mostraram que o *que nem* está em processo de deslocamento de domínio funcional e passa a integrar, também, a rede construcional dos MDs, na rota [QUE NEM]<sub>connect</sub> --> [QUE NEM]<sub>md</sub>, sendo utilizado, sobretudo, com a função de manutenção do turno conversacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática de Construções. Domínio Funcional. Que nem. Construcionalização. Marcador Discursivo.

**ABSTRACT:** According to the language conception adopted by the Construction Grammar (CROFT, 2001) and the constructional perspective of change (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TEIXEIRA; ROSÁRIO, 2016), we aim, in this study, to analyze the functional domain of the “*que nem*” in the Portuguese language. Therefore, we are anchored in the studies of Vieira e Sousa (2019), who focused on the investigation of the “*que nem*” as a connector and the constructional analysis of Discourse Markers (DMs) undertaken by Sambrana (2017). As a methodological resource, we use the data from *Corpora* Popular and Culto from Vitória da Conquista, in addition to using the qualitative method for data analysis. The results showed that “*que nem*” is in the process of moving from functional domain to integrating, also, the constructional network of the DMs, in the route [QUE NEM]<sub>connect</sub> --> [QUE NEM]<sub>md</sub>.

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); bolsista CAPES

\*\* Professora titular da Área de Linguística e Língua Portuguesa do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq

NEM]connect --> [QUE NEM]<sub>DMS</sub>, being used, above all, with the function of maintaining the conversational shift.

**KEY-WORDS:** Construction Grammar. Functional Domain. *Que nem*. Constructionalization. Discourse Marker.

## Considerações iniciais

Neste trabalho, temos o objetivo de analisar o deslizamento de domínio funcional do *que nem*, uma vez que, além de fazer parte dos conectivos, tal construção, em contextos dialogais, demonstra características funcionais e formais de manutenção do turno conversacional, passando a integrar, também, a rede construcional dos Marcadores Discursivos (MD). Para realizarmos este estudo, mobilizamos os conceitos da perspectiva construcional da mudança (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2018), em virtude de essa linha teórica considerar a língua como uma rede interconectada de construções, formadas por pares de forma e sentido, nos termos de Goldberg (1995), Croft (2001), entre outros, com níveis distintos de vinculação entre suas subpartes.

Para darmos conta de analisar a mudança de categoria funcional do *que nem*, baseamo-nos, principalmente, na investigação de Vieira e Sousa (2019). Na ocasião, os autores mostraram, diacronicamente, por meio dos tipos de contexto, as mudanças construcionais do *que nem* e sua construcionalização no Português. Assim, os autores constataram que o *que nem*, originado de uma estrutura típica de causa e consequência (*faz viver tal vida que nem d'el nem*), passa pelo contexto atípico (*casou-se melhor que nem uma outra*), chega ao contexto crítico (*açafrão he melhor que nem um outro*), perde a composicionalidade e esquematicidade e gera, por fim, o contexto isolado (*vou ficando magro e seco que nem feia perereca*).

Além disso, Vieira e Sousa (2019) mostraram que o esquema [QUE NEM]<sub>connect</sub>, em sua feição construcionalizada, sanciona três subesquemas, a saber: comparação, exemplificação e conformidade, ilustrados a seguir:

(1) *INF*<sup>1</sup>: [...] Isso foi no sábado, quando foi no domingo, já tive que levar pro hospital, [a mão já tava dessa altura preta **que nem** um carvão], o braço todin' inchou cum

<sup>1</sup> Ressaltamos que a sigla INF diz respeito ao “informante” e DOC, ao “documentador”.

*coisa que meteu num pau de vara de fogo assim, inchou todo, todo, todo e deu aquelas bolha de fogo [...] (Corpus PPVC. Séc. XXI. Período Contemporâneo).*

(2) **INF:** *Mudou, tá muito quente. Muito quente mermo. Num sei como nesses lugares vizinhos... [que nem Jequié] tá aumentano viu. Anagé mermo a barragem tá bem baixa, ININT esses tempo aí atrás. (Corpus PCVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

(3) **DOC:** *É assim... os brinquedos de antes não eram tão... modernos como os de agora...*  
**INF:** *Não, não eram.*  
**DOC:** *...que eu tava tentando dizer.*  
**INF:** *Não era. Era diferente, né, que nem eu falei [...] (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

Como vemos, os excertos (1), (2) e (3) demonstram os três subesquemas instanciados pelo esquema [QUE NEM]<sub>connect</sub>. Em (1), é possível percebermos que tal construção desempenha forma-função comparativa, pois o falante, ao tentar explicar para seu interlocutor a gravidade da inflamação do braço, compara o seu aspecto ao de um carvão, pelo fato do aspecto roxo que o inchaço causou. Em (2), o informante, a fim de exemplificar o aumento gradativo da temperatura, utiliza a construção *que nem*, seguida da cidade de Jequié. No exemplo (3), por fim, verificamos que o falante faz uso do *que nem* com forma-função conformativa, uma vez que o documentador pergunta sobre a administração do prefeito para o informante e o entrevistado afirma que, no segundo mandato, o prefeito não foi tão bom quanto no primeiro. Ao ser questionado do porquê dessa afirmação, o informante responde que o prefeito não fez aquilo que um gestor deveria fazer, ou seja, *conforme* ele deveria.

Além desses pareamentos de forma e sentido, verificamos que o *que nem* em alguns contextos de uso, principalmente naqueles contextos de caráter dialogal e mais naturalístico, assume um pareamento distinto. Vejamos:

(4) **DOC:** *Me conta uma história que aconteceu com você?*  
**INF:** *É... que nem... é... é.... teve um dia que eu tava lá ni Brumado, né?! [...]. (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI).*

No excerto (4), é possível percebermos que o *que nem* manifesta uma característica distinta de conectivo, pois, além das marcas de hesitação e pausa, tal construção se expressa como um elemento que organiza as ideias do informante mostrando a não monitoração da modalidade oral, além de mostrar uma função de manutenção do turno conversacional.

Sob essa ótica, conjecturamos que o *que nem* migra de domínio funcional e passa a integrar, também, a rede construcional dos MDs, na rota [QUE NEM]<sub>connect</sub> -> [QUE NEM]<sub>md</sub>. Para ratificar nossa hipótese, além do estudo de Vieira e Sousa (2019), baseamo-nos na análise construcional de Sambrana (2017), uma vez que a autora propõe uma rede taxonômica dos padrões construcionais dos MDs no Português. Assim, ancorados nesses autores, objetivamos investigar como a construção em estudo migra de categoria funcional no Português Brasileiro defendendo a premissa de que os processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2010) e de (inter)subjetivação (TRAUGOTT; DASHER, 2005) são imprescindíveis para o fenômeno da mudança linguística.

Em termos metodológicos, empregamos, neste artigo, a análise qualitativa, utilizando, como *corpora*, dados do Português Popular e Culto de Vitória da Conquista, por sustentarmos a ideia de que seja imprescindível trabalharmos com dados de caráter dialogal, em virtude de os MDs serem característicos de eventos de fala menos monitorados.

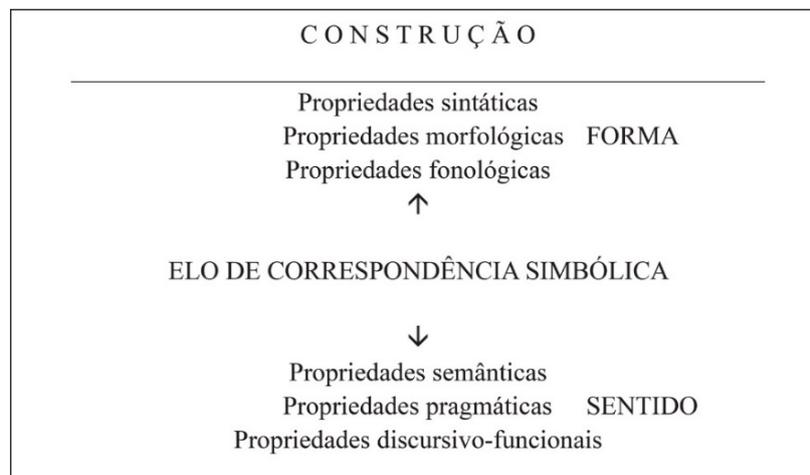
A fim de darmos conta dos objetivos e da hipótese deste trabalho, distribuimos este artigo em 4 seções. Na primeira, mobilizamos os conceitos da Linguística Funcional Centrada no Uso, mostrando, também, o conceito de construção e das relações hierárquicas que elas possuem com outras construções. Além disso, nessa mesma seção, abordamos as questões de (inter)subjetividade e processos cognitivos de domínio geral. Na segunda seção, evidenciamos os procedimentos metodológicos utilizados na análise de dados. Na penúltima seção, analisamos os dados a partir da mudança construcional (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e enquadramos o nosso objeto a partir da perspectiva radical de Croft (2001). Por fim, na última parte do trabalho, mostramos as Considerações Finais, seguidas das Referências.

## **2 Gramática de Construções**

Mobilizamos, neste trabalho, os conceitos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Essa teoria é fruto de um diálogo profícuo entre o Funcionalismo norte-americano com a Linguística Cognitiva, principalmente na abordagem que concebe a língua como uma rede interconectada de construções. A gramática é tomada, sob essa ótica, como pareamentos de forma e significado,

estruturada de forma interconectada que forma uma rede em que tanto aspectos formais quanto funcionais são levados em consideração na análise linguística. A seguir, na Figura 1, trazemos a noção de construção a partir de Croft (2001):

**Figura 1:** Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p. 18).

Na Figura 1, vemos que as construções são compostas por dois eixos: forma e sentido. A forma diz respeito às propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; sentido, por seu turno, é composto por aspectos semânticos, pragmáticos e propriedades discursivo-funcionais, unidos por um elo de correspondência. Nesse sentido, o pesquisador que se debruça nesse modelo teórico deverá detectar os aspectos desses dois polos numa abordagem sincrônica.

Hodiernamente, Traugott e Trousdale (2013) refinam os conceitos de Croft (2001) e defendem, em uma perspectiva diacrônica, que a língua é formada a partir de um inventário de construções com pareamento de forma e função<sup>2</sup>. Assim, os autores reconhecem as construções como unidades simbólicas convencionais: (i) unidades porque alguns aspectos do signo são tão idiossincráticos ou tão frequentes que estão entrincheirados como um pareamento de forma-função na mente do falante; (ii) simbólicas pois são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e função; (iii) convencionais porque são compartilhados entre grupos de falantes.

Ademais, como visto na Figura 1, há uma junção entre estrutura semântica e sintática, justamente pelo fato de esses dois polos estarem ligados a um elo de

<sup>2</sup> A professora Adele Golberg, em 2016, participou do *workshop* no XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática entre os dias 4 a 7 de julho de 2016, na Universidade Federal do Rio de Janeiro em que foi abordada a perspectiva construcional da gramática. A linguista, nessa ocasião, propôs a terminologia “função”, ao invés de “sentido”.

correspondência simbólica. Outro termo caro à teoria são as relações taxinômicas que uma construção possui com outras. Isso vale dizer que construções mais específicas estão ligadas a construções mais abstratas em uma rede interconectada.

Isso posto, veremos como a mudança linguística acontece pelo viés construcional na próxima subseção.

## 2.1 A mudança linguística pelo viés construcional

Conforme Traugott e Trousdale (2013), a mudança linguística acontece a partir de dois modos: mudanças construcionais e construcionalização. As mudanças construcionais dizem respeito às mudanças que afetam, somente, o polo da forma ou da função e não criam um nó na rede linguística. A construcionalização, por seu turno, diz respeito à criação de um novo pareamento de forma-função na língua, que envolve a necessidade comunicativa do falante, associada ao mecanismo de neoanálise<sup>3</sup>.

Inferimos, a partir disso, que as neoanálises, enquanto micropassos, proporcionam a construcionalização e, após esse fenômeno, é possível detectarmos os níveis mais abstratos e gerais que possibilitam a gênese e desenvolvimento da mudança linguística. Mas como aferir a mudança linguística por meio de uma perspectiva construcional? Segundo Traugott e Trousdale (2013), tais investigações podem ser realizadas a partir dos critérios de Esquematicidade, Produtividade e Composicionalidade, elencados a seguir:

A *Esquematicidade* diz respeito às generalizações taxinômicas que evidenciam a abstratização de construções linguísticas na mente do falante em uma visão cognitivista não-modular. Os falantes, nesse sentido, não têm apenas conhecimento de um elemento linguístico específico, mas, sim, de esquemas mais abstratos e virtuais. Nessa linha de raciocínio, Traugott e Trousdale (2013) dividem os graus de esquematicidade por meio de 3 (três) níveis: Esquema, Subesquema e Microconstrução. Sob esse viés, torna-se imprescindível frisarmos que as microconstruções são instanciadas por meio de construtos, ou seja, *tokens* empiricamente atestados em contextos reais de uso. É nesse nível que ocorrem,

---

<sup>3</sup> Segundo Traugott e Trousdale (2013), as neoanálises acontecem devido ao usuário adicionar, através do tempo, representações mentais de uma expressão.

efetivamente, as mudanças linguísticas, pois é a partir dos construtos que as trocas (inter)subjetivas acontecem, de fato, entre os falantes. Esses três níveis hierárquicos estão, nesse sentido, num *continuum* de *types* que partem de níveis mais baixos em direção a uma ancoragem mais alta de abstratização e esquematização

Acrescentamos, nessa hierarquia, a noção de Domínio Funcional tal como proposto por Teixeira e Rosário (2016). Segundo os autores, o conceito de Domínio Funcional pode ser encontrado desde o Funcionalismo Clássico e diz respeito às “áreas linguísticas”, concebidas, em uma perspectiva funcionalista, como “universais linguísticos”. Nessa concepção, os quantificadores, correlatores, subordinadores, coordenadores, focalizadores, conectivos, marcadores discursivos etc. fazem parte de domínios funcionais distintos. Trata-se, conforme Teixeira e Rosário (2016, p. 147), “[...] de ‘universais psicológicos e socioculturais’ presentes, senão em todas, em grande parte das línguas humanas”. De maneira análoga, defendemos, neste estudo, que, acima do nível do Esquema, como proposto por Traugott e Trousdale (2013), temos o Domínio Funcional, pois, de um lado, temos o *que nem* atuando no domínio da conexão, como já investigado por Vieira e Sousa (2019); e, por outro, temos o referido objeto fazendo parte da categoria dos MDs.

Já a *Composicionalidade* diz respeito à relação de transparência entre a forma e a função. A fim de exemplificarmos tal propriedade, trazemos o esquema SVO (*João comeu o bolo*) comum em muitas línguas naturais, como no Português. Esse esquema possui um alto nível de composicionalidade, pois o significado do todo é recuperado pela soma das partes. Em outra direção, temos construções menos composicionais que se destacam pelo alto grau de entrincheiramento, a exemplo da expressão idiomática exemplificada na seguinte frase: “Mesmo com os cortes de verbas feitas pela presidência, os pesquisadores não *deixaram a peteca cair*”. Na expressão em destaque, muito comum no Português Brasileiro, o falante não indica que deixou, de fato, a peteca cair, mas, sim, que ele conseguiu resolver a questão mesmo diante dos cortes de verba feitos pelo governo. O significado do todo, portanto, não corresponde à soma do significado das partes.

A *Produtividade*, por fim, assim como acontece com a esquematicidade, relaciona-se à emergência de novos pareamentos de forma-função, ou seja, esse fator diz respeito à potencialidade de esquemas mais gerais sancionarem construções menos esquemáticas. Assim, conforme Traugott e Trousdale (2013), a produtividade de uma construção pertence ao nível dos esquemas e, além disso,

relaciona-se com sua extensibilidade, ou seja: i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas; ii) o grau em que tais esquemas são restringidos.

Em linhas gerais, a construcionalização gramatical, considerada a base da mudança linguística, apresenta um aumento de esquematicidade e de produtividade, ao passo que há um decréscimo na composicionalidade, isto é, há um “[...] decréscimo na transparência da combinação entre significado e forma” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121, tradução nossa)<sup>4</sup>. Isso se dá, entre outras questões, devido à (inter)subjetividade, que trataremos na subseção seguinte.

### 2.1.1 Subjetividade e Intersubjetividade

O grau de expressividade na relação entre interlocutores é marcado pela relação (inter)subjetiva. Assim, a mudança linguística acontece, justamente, devido à necessidade comunicativa e, por isso, há o princípio da força expressiva maximizada (GOLDBERG, 1995). Esse grau de expressividade é visto por meio de estratégias de subjetivação e intersubjetivação, uma vez que, segundo Traugott e Dasher (2005), a subjetivação acontece por meio de um processo de expansão semântico-pragmática, com base na crença e atitudes do falante. A intersubjetivação, por sua vez, compreende a atenção do locutor em relação ao seu interlocutor – em virtude de o interlocutor ser tomado como sujeito ativo na interação. Assim, essas estratégias (inter)subjetivas são materializadas no plano gramatical levando à mudança semântica, sendo este um mecanismo frutífero para a mudança linguística, pois, devido à necessidade de comunicação, os falantes criam novas construções a fim de alcançarem uma maior expressividade em seu discurso.

Nessa linha de raciocínio, as sanções de novos nós, na rede construcional, acontecem por meio de inferências sugeridas e (inter)subjetivação. De acordo com Traugott e Dasher (2005), a inferência sugerida, como um processo cognitivo, permite a ativação de construções que estão estreitamente relacionadas e, por meio de implicaturas conversacionais, novos nós são criados e os falantes convidam seu interlocutor a interpretar e neoanalisar a nova construção de maneira particular.

---

<sup>4</sup> Versão original: “[...] decrease in the transparency of the match between meaning of the parts the form [...].”

Como vemos, os fatores de ordem cognitiva se mostram relevantes para a investigação do fenômeno da mudança linguística. Sobre esse assunto, trataremos de forma mais esmiuçada na próxima subseção.

### **2.1.2 Processos cognitivos de domínio geral**

O conceito de língua(gem) defendido neste trabalho está vinculado à noção dos Sistemas Adaptativos Complexos (LARSEN-FREEMAN, 1997), pois, partindo dessa égide, é possível irmos além do conhecimento particularmente linguístico, em virtude de a língua(gem) e a gramática serem consideradas fruto de processos cognitivos de domínio gerais (BYBEE, 2010). Nesse sentido, vale dizer que a língua(gem) é compreendida como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas que estão interconectadas as outras áreas da psicologia humana, gerenciada por uma base neurobiológica, cognitiva e sociocultural que facultam à linguagem aspectos variáveis no tempo e no espaço (TOMASELLO, 1998).

Nessa direção, a dimensão gramatical é resultado de adaptações históricas e da experiência do falante com o mundo, uma vez que a língua, pelo olhar dinâmico, comporta-se por meio de padrões regulares e ritualizados, bem como de padrões emergentes (TOMASELLO, 2003). Sob esse viés e pormenorizando ainda mais o que conjecturamos sobre a relação entre língua, uso e cognição, elencamos, a seguir, os 5 (cinco) processos cognitivos de domínio gerais admitidos por Bybee (2010):

*Categorização*: diz respeito à similaridade ou emparelhamento de unidades que ocorrem quando palavras ou construções são reconhecidas e associadas a categorias já mapeadas na memória do indivíduo;

*Chunking*: esse processo é tomado como a união de um conjunto de construções que são agrupadas na memória do indivíduo e fundidos em uma só unidade. Desse modo, as sequências de unidades repetidas são agrupadas juntas para serem acessadas como uma unidade simples;

*Memória enriquecida*: é o processo que tem como principal fator o armazenamento de categorias linguísticas e não linguísticas. Assim, uma representação enriquecida inclui detalhes fonéticos para palavras e

construções mais complexas, bem como informações contextuais e semânticas;

*Analogia*: esse processo se refere à formação de novas categorias a partir de unidades previamente experienciadas, levando em consideração forma e função;

*Associação transmodal*: diz respeito à capacidade de o falante associar o modo a outros pareamentos de forma e função.

Salientamos que todos esses processos estão interconectados e operam, simultaneamente, na manifestação linguística. Neste trabalho, mostramos como a relação desses processos, que fazem parte de outras habilidades humanas, são cruciais para a mudança de domínio funcional, com destaque para as relações analógicas realizadas pelos falantes.

Após mobilizarmos os conceitos basilares da Linguística Funcional Centrada no Uso, fechamos esta seção para dar lugar à próxima, cujo objetivo é elucidar a metodologia adotada para nosso trabalho.

### **3 Procedimentos metodológicos**

Partindo do pensamento de que a construcionalização gramatical pode ser analisada a partir de uma perspectiva sincrônica, com foco em mecanismos cognitivos, a exemplo da analogização, utilizamos o método qualitativo para a investigação dos dados.

Além disso, aliado a uma perspectiva sincrônica, verificamos os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e propomos uma rede hierárquica da microconstrução *que nem* investigando, principalmente, o deslizamento de domínio funcional de tal construção. Ademais, enquadrámos nosso objeto em três níveis de esquematicidade (esquema, subesquema e microconstrução), como sistematizados por Traugott e Trousdale (2013). Os dados de fala, de caráter dialogal, foram extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista – *Corpora*

PPVC e PCVC, organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq<sup>5</sup>.

Ademais, utilizamos o modelo construcional radical de Croft (2001) para evidenciarmos, de forma qualitativa e sincrônica, os aspectos formais e funcionais dessa construção, fazendo um comparativo entre o estudo de Vieira e Sousa (2019), com a pesquisa ora empreendida. Dito isso, veremos, na seção seguinte, na análise dos dados, como as inovações que emergem no fluxo da interação estão, de fato, se ritualizando na língua como construções empiricamente atestáveis.

#### 4 A emergência do domínio funcional do *que nem*: de conectivo a marcador discursivo

Conforme já sinalizamos, Vieira e Sousa (2019) propõem uma taxinomia para a construção *que nem* no domínio funcional da conexão. Nesta análise, em especial, detemo-nos em analisar como o *que nem* desliza de domínio e passa a integrar a rede dos MDs. Isso se justifica uma vez que, nos dados de fala, notamos um maior grau de abstração dessa construção, além de ela apresentar, holisticamente, um pareamento distinto do de conectivo. Vejamos os exemplos (5) e (6) a seguir:

- (5) **INF:** *Pois é. E a ingreja tem ensinado muito a... as pessoa e as pessoa tem respeito pelas ôta e eu ach' éh... eu num to criticando religião nenhuma, né, ma eu acho assim que a ingreja católica você é livre pra fazer qualquer coisa, né, e já a ingreja evangélica não cê tem um limite, né, cê tem um limite você tem aquele limite cê num pode fazê as coisa errada...*

**DOC:** *É*

**INF:** *...e a pessoa... **que nem** .... eu ach' errado assim que as pessoa tá no {ININT} os jove' então num é... tem muita gente ali que participa fiel memo, né... (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI)*

- (6) **INF:** *[...] quarenta ano se passaram num é quarenta dia nem quarenta hora e eu lembro, agora como é que um... um homem de quinze, catoze, dezesseis sai aí matano eh... **que nem**... vamo supô uma família lá construino um sonho aí vai um... um homem desse, bota uma arma pa rôba o que ele tem a pessoa faz qualquer [gesto. ele] já atira sem dó nem piedade né [...] (Corpus PCVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI)*

<sup>5</sup> Ressaltamos que os *corpora* analisados fazem parte do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34221214.9.0000.00552 e conta, como responsável, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista.

Mediante aos excertos (5) e (6), averiguamos que os falantes utilizam o *que nem* para reorganizar as informações discursivas. A partir disso, é possível afirmarmos que a construção em estudo desliza do domínio funcional da conexão e migra para o domínio funcional da marcação discursiva<sup>6</sup>. Ademais, observamos, a partir dos excertos, que a microconstrução *que nem* está marcada por reticências, evidenciando, do ponto de vista formal, a pausa e entonação<sup>7</sup>.

Destacamos, aqui, que, nos exemplos (5) e (6), é possível percebermos que o *que nem* mantém traços da sua feição conectiva, uma vez que, ao lermos tais exemplos, ainda notamos as características de comparação, exemplificação e/ou conformidade, fato que relacionamos à constituição recente do pareamento no domínio funcional da marcação discursiva. Sob esse viés, defendemos que tal ambiguidade se justifica pelo princípio da persistência como advogado por Hopper (1991). De acordo com o referido autor, esse princípio, sob a perspectiva clássica da gramaticalização, diz respeito à permanência de alguns traços semânticos da construção fonte, isto é, algumas formas gramaticais tendem a manter alguns efeitos de sentido da construção de origem. Segundo Hopper (1991), a persistência acontece em estágios não muito avançados de gramaticalização. Numa perspectiva construcional, é possível observarmos que esse critério é justificado uma vez que trabalhamos com a noção de rede, logo, é bem provável que, na fase de mudança construcional, uma construção mantenha relação, por meio de links simbólicos, com outras construções no processo de deslizamento do domínio funcional.

A seguir, na próxima subseção, debruçamo-nos na perspectiva construcional a fim de analisar o *que nem* na rede dos MDs.

#### 4.1 O *que nem* na rede construcional dos Marcadores Discursivos

Ancoramo-nos, nesta subseção, na perspectiva de Sambrana (2017) a respeito dos marcadores discursivos no Português Brasileiro. A autora, ao analisar os padrões construcionais dos MDs perceptivo-visuais, mostra, em uma visão taxinômica, que os falantes utilizam o esquema  $V_{pv}(X)_{md}$  como estratégia de regulação da interação entre os interlocutores. Para tanto, a estudiosa usa, como

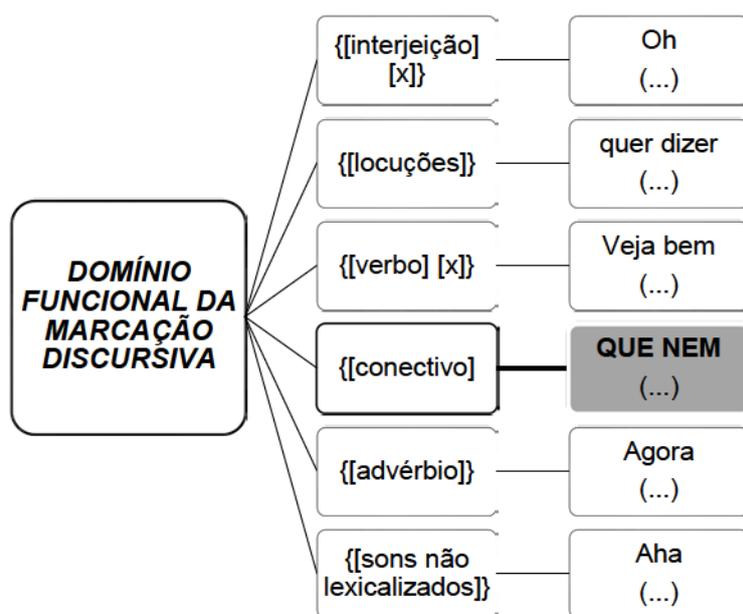
<sup>6</sup> Cabe reiterarmos que o *que nem* não deixa de fazer parte da rede construcional dos conectivos.

<sup>7</sup> Ressaltamos que as convenções de transcrição dos dados de fala que compõem os *corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista foram feitos a partir da chave de transcrição do Projeto Vertentes, coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi. As normas para a transcrição podem ser conferidas em: <http://books.scielo.org/id/p5/pdf/lucchesi-9788523208752-08.pdf>

base da marcação discursiva, os verbos perceptivo-visuais *olhar* e *ver* e mostra as hierarquias construcionais dessas construções no Português.

Assim, com base nos exemplos (5) e (6), podemos verificar que o *que nem*, além de fazer parte do domínio funcional da conexão, migra de categoria funcional e passa a integrar a rede dos MDs. Nesse sentido, ancorados na proposta de Sambrana (2017), inserimos o *que nem* na seguinte hierarquia construcional:

Figura 2: Rede construcional dos Marcadores Discursivos.



Fonte: Autoria própria baseado em Sambrana (2017, p. 10).

Conforme Fried (2015), a raiz de uma construção pode ser um espaço funcional ou conceptual. Sob esse viés, esse espaço é caracterizado pela rede dos MDs, representado pelo esquema mais abstrato e virtual da construção ilustrado pela Figura 2. No nível do subsquema, temos 6 (seis) tipos de base para os marcadores, com destaque para os que são formados por conectivos  $\{\{\text{conectivo}\}\}_{\text{MD}}$ . Esse subsquema, em particular, sanciona a microconstrução *que nem*, a qual podemos exemplificar nos seguintes construtos<sup>8</sup>:

<sup>8</sup> Como dissemos, optamos por realizar, neste artigo, uma análise qualitativa. No entanto, julgamos relevante, em um próximo estudo, analisarmos a frequência dos dados, pois esse método nos auxilia em investigar como, de fato, as construções estão sendo utilizadas em dados de caráter dialogal.

- (7) **INF:** *é... num sei... **que nem...** é... ach'que quem tem boca fala o que quer né?"*  
(Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI)
- (8) **DOC:** *Me conta uma história que aconteceu com você?*  
**INF:** *É... **que nem...** é... é... teve um dia que eu tava lá ni Brumado, né?! [...].*  
(Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI).

Nos exemplos (7) e (8), notamos que a construção *que nem* aparece com marcas de hesitação – uma das características dos MDs. Além disso, do ponto de vista funcional, ela se manifesta como um elemento que organiza as ideias do informante, mostrando a não monitoração do falante e com uma função +(inter)subjativa, uma vez que esse o *que nem* é utilizado para a manutenção do turno conversacional.

Baseados nos pressupostos cognitivo-funcionais, notamos que essa mudança de domínio tem relação com os processos cognitivos de domínio geral, como apontados por Bybee (2010), pois houve:

- i) *Categorização* do *que nem*, uma vez que o falante reconhece essa construção como conectivo;
- ii) *Chunking*, como já sinalizado, visto que as partes *que* e *nem* se aglutinam formando uma unidade mais complexa, menos composicional e menos esquemática;
- iii) *Memória enriquecida*: o *que nem* foi estocado como um exemplar conectivo devido ao uso e, ao migrar de domínio funcional, essa configuração permanece no grupo de marcadores que tem como base os conectivos (Figura 2);
- iv) *Analogia*, pelo fato de outros conectivos exemplares poderem assumir o lugar de MDs; o usuário da língua, cognitivamente, faz uma analogização e o *que nem* integra o leque de possibilidades para o falante. Destacamos, nesse processo, a relação do contexto de enunciados que podem ser retomados pelos falantes em outras construções devido à experiência com a língua. Assim, por meio desse processo cognitivo, a vivência contextual faz com que certos padrões fixem e/ou transmutem para outras construções. A mudança de domínio funcional é um exemplo de pensamento analógico, pois se, por exemplo, um conectivo migrou de domínio e tornou-se um marcador discursivo, é bem provável que outros conectivos também migrem de categoria;
- v) *Associação transmodal*, pois, assim como os outros processos cognitivos, o falante associa o modo que a construção foi usada na conexão e traz, na

marcação discursiva, a mesma forma {{[QUE NEM]}} em um domínio funcional distinto.

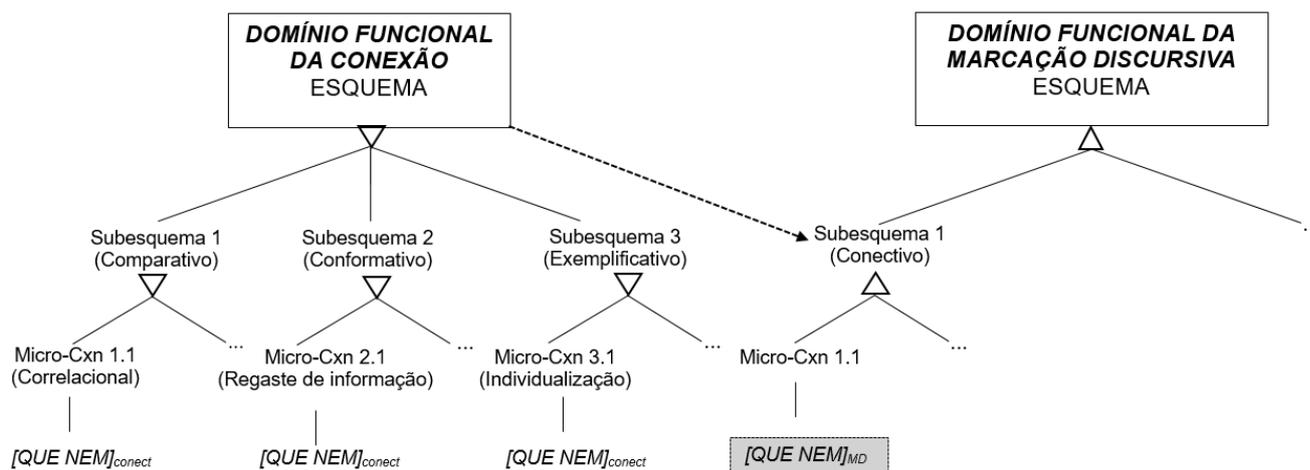
A analogia recebe um destaque maior na análise empreendida, tendo em vista que o mecanismo analógico corresponde ao uso de novos padrões com exemplares previamente estocados na memória do usuário da língua. Essas novas formas-funções são usadas com novas construções por influência de exemplares já utilizados pelo falante e, assim, é possível que novos elementos possam mudar de categoria e de domínio funcional devido à analogia.

Ainda sobre o assunto, Martins Dall'Orto (2018, p. 38) afirma que a analogia

[...] refere-se ao mecanismo que leva à combinação entre aspectos da forma e da função de uma construção-alvo e aspectos da forma e da função de uma construção-fonte. O mecanismo da analogização envolve, portanto, a reconfiguração das dimensões internas da construção, tendo como base uma construção já existente, com a qual seja possível fazer a correspondência. (MARTINS DALL'ORTO, 2018, p. 38).

Dessa forma, a autora demonstra que a análise sincrônica dos dados é capaz de refletir a atração morfossintática e semântico-pragmática e a extensibilidade de padrões a partir de modelos já existentes.

No que se refere à construção *que nem*, é possível observamos que, além do deslizamento para a rede dos marcadores discursivos, tal construção, ademais, apresenta-se com nível baixo de composicionalidade e esquematicidade, vez que o *que nem*, como MD, aparece como um *chunking* em dados orais, denotando que houve, por parte dos falantes, uma neoanálise aliada ao *continuum* crescente de (inter)subjetividade, no qual os sentidos migram de [+subjativos] para [+intersubjetivos]. Na Figura 4, é possível visualizarmos, em síntese, o deslocamento de domínio funcional do *que nem*, de conectivo para marcador discursivo, por meio de processos cognitivos gerais, a exemplo do mecanismo analógico, como advogado por Bybee (2010) e Martins Dall'Orto (2018):

**Figura 4:** Representação da emergência de domínio funcional do *que nem*.

Fonte: Autoria própria.

Na Figura 4, propomos uma rede construcional com a representação taxinômica do *que nem* no domínio funcional da conexão. A seta pontilhada demonstra que tal construção deslocou para a rede dos MDs, ocupando, mais precisamente, a categoria dos marcadores formados a partir de conectivos.

Os processos cognitivos são, como dissemos, pontos cruciais para o redirecionamento de uma dada construção, pois se há a possibilidade de o falante utilizar outros conectivos formados por MDs, é viável que, analogicamente, o usuário da língua empregue o *que nem* construcionalizado para tal fim. Isso posto, na próxima subseção, analisaremos nosso objeto debruçando-nos no modelo simbólico construcional de Croft (2001).

#### 4.2 O pareamento de forma-função do *que nem* a partir de Croft (2001)

Nesta subseção, exploramos o *que nem* amparados na concepção de construção com base em Croft (2001). Nesse sentido, trazemos, a seguir, por meio do Quadro 1, o *que nem* a partir de um olhar construcionista baseado tanto na análise empreendida por Vieira e Sousa (2019) quanto na análise do *que nem* migrando de domínio funcional.

**Quadro 1:** O pareamento de forma e função do *que nem* a partir de Croft (2001)

FORMA	ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	SENTIDO/FUNÇÃO
<p><b>Sintaticamente:</b> Formado por dois elementos. O primeiro, uma conjunção (que), seguido por um elemento exemplar para a negação (nem); Atua como conectivo, tanto em construções correlacionais quanto não correlacionais.</p>	<p><b>QUE NEM</b></p>	<p><b>Semanticamente:</b> Abstratização das subpartes da construção. O <i>que</i> não atua mais como elemento introdutor de estruturas consecutivas (VIEIRA; SOUSA, 2019) e o <i>nem</i> perde a propriedade de negação. Dessa forma, o sentido da construção se realiza a partir da soma de toda construção, levando em consideração o entorno conversacional.</p>
<p><b>Morfologicamente:</b> Elemento invariável; Passa a integrar, além da classe dos conectores comparativos, conformativos e exemplificativos, o conjunto dos Marcadores Discursivos.</p>		<p><b>Pragmaticamente:</b> A construção desliza de propriedades mais subjetivas e passa a identificar, cada vez mais, as atitudes e crenças dos falantes, com níveis mais altos de intersubjetividade, principalmente em sua feição Exemplificativa. No domínio funcional da marcação discursiva, notamos que a construção atua como elemento que marca a hesitação e reformulação do falante em contextos dialogais.</p>
<p><b>Fonologicamente:</b> Atua como único grupo de força, como uma só palavra devido ao <i>chunking</i>, com representação fonética</p>		<p><b>Discursivamente:</b> Articula sequências de base expositiva e argumentativa, principalmente em dados de fala, nos quais estão em jogo opiniões e argumentos mais pessoais.</p>

[kɪ. 'nẽ];

O uso frequente da construção aglutinada (que + nem) afeta as representações fonológicas.

Fonte: A autoria própria.

Ancorados na perspectiva construcionista radical de Croft (2001), é possível analisarmos que, no eixo da forma, o *que nem* atua, sintaticamente, no domínio funcional da conexão e posiciona-se, como é comum aos conectivos, entre as orações, unindo-as. Na marcação discursiva, há uma liberdade sintática dessa construção, que pode aparecer, na interação, quando houver a necessidade de reformulação do discurso do falante, pausa etc. Morfologicamente, é um elemento invariável, sem possibilidade de flexão. Fonologicamente, o *que* e o *nem* formam um bloco sonoro devido ao *chunking*. Com isso, elimina-se a existência de dois acentos tônicos, passando a existir apenas um que recai na segunda subparte da construção [kɪ. 'nẽ].

No eixo do significado/função, notamos que, semanticamente, houve uma abstração das subpartes e o *que nem* é visto como único bloco de sentido. Pragmaticamente, no domínio da conexão, o objeto desliza de propriedades mais subjetivas e passa a identificar, cada vez mais, as atitudes e crenças dos falantes, com níveis mais altos de intersubjetividade. Já na marcação discursiva, o *que nem* demonstra hesitação e reformulação no discurso do informante. Discursivamente foi notada uma maior produtividade da construção em sequências dialogais, principalmente com os pareamentos conformativo, exemplificativo além de marcador discursivo.

No que diz respeito aos fatores de Esquematicidade, Produtividade e Composicionalidade, advogados por Traugott e Trousdale (2013), notamos que:

- i) Se analisarmos o *que nem* como uma construção isolada, perceberemos que há um baixo grau de *Esquematicidade*, pois, devido ao encadeamento, não é possível que haja inserção de elemento(s) entre as partículas *que* e

- nem*. No entanto, holisticamente, ela é parcialmente esquemática, principalmente no domínio funcional da conexão (VIEIRA; SOUSA, 2019);
- ii) Houve *Produtividade*<sup>9</sup> principalmente no nível do *type* (nível mais virtual), com a expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004). Ademais, o deslizamento de domínio demonstra o grau de abstração e produtividade de tal construção;
  - iii) Se analisarmos o *que nem* de forma isolada, notaremos que há um baixo nível de *Composicionalidade*. Por outro lado, holisticamente o *que nem* se torna mais ou menos composicional, pois, como mostrado por Vieira e Sousa (2019), é possível analisarmos algumas partes da construção, tendo em vista que, em sua feição conectiva, o *que nem* atua como um elemento que liga orações em diversos padrões construcionais. Na Marcação discursiva, por outro lado, o *chunking* [QUE NEM] torna-se menos composicional.

Por fim, a seguir, nas Considerações Finais, além de retomarmos os objetivos desta pesquisa, apontamos os (novos) direcionamentos possíveis de serem tomados para que o conhecimento acerca da língua(gem) seja o ponto de partida para investigação linguística, principalmente na relação entre o Funcionalismo e o Cognitivismo.

## 5 Considerações Finais

A partir da análise empreendida neste trabalho, podemos afirmar, em uma perspectiva qualitativa e sincrônica, que nossa hipótese foi confirmada, vez que o *que nem* está em fase de migração de categoria funcional, integrando, também, a rede construcional dos MDs, conforme exposto na Figura 4. Assim, além da configuração [QUE NEM]<sub>connect</sub>, investigado por Vieira e Sousa (2019), a microconstrução em estudo pode ser esquematizada, formalmente, por [QUE NEM]<sub>md</sub>, na rota [QUE NEM]<sub>connect</sub> → [QUE NEM]<sub>md</sub>. Este último possui uma função

---

<sup>9</sup> Traugott e Trousdale (2013) defendem que o aumento de produtividade é medido pela frequência *type* e *token*. Sob essa perspectiva, ressaltamos que cabe uma investigação quantitativa dos dados, vez que a noção de produtividade está relacionada à frequência.

mais (inter)subjativa, em virtude de ser utilizado com a função de manutenção do turno conversacional.

Diante disso, reiteramos a importância dos estudos pautados na defesa de que a gramática é governada por processos cognitivos gerais e, ademais, formada/constituída de construções interconectadas por meio de uma rede hierárquica. Nessa direção, mostramos como os estudos funcionais, a partir de uma perspectiva holística, são importantes no processo de mudança linguística.

Por fim, com base neste trabalho, propusemos mostrar como, atualmente, a relação do Funcionalismo com a Gramática de Construções, conhecido no Brasil como LFCU, contribui para este fenômeno instigante e constitutivo do próprio sistema linguístico: o da variação e da mudança linguística.

## Referências

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FRIED, M. Construction Grammar. In: ALEXIADOU, A.; KISS T. (Eds.). *Handbook of syntax*. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2015. p. 974-1003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação e mudança linguística em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRRN, 2018.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, vol. 18, n 2. , p. 141-165, 1997.

MARTINS DALL'ORTO, L. F. *Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional a partir da*

linguística funcional centrada no uso. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2018.

SAMBRANA, V. R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Rio de Janeiro: Niterói, 2017.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística*. volume Especial, p. 139-151, 2016.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A arquitetura construcional do que nem na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. *SOLETRAS*. Rio de Janeiro. n. 37, v. 1, p. 246-271, 2019.

*Recebido em 15/06/2019*

*Aceito em 23/10/2019*